

Estatísticas utópicas, sandices futebolísticas e ufanismo patriótico

(02.07.2010)

Semanas antes do início da Copa da África do Sul optei por não escrever sobre a participação da seleção brasileira no certame. Deixei de externar o meu pensamento para evitar conflitos desnecessários. A teimosia prepotente de Dunga foi um dos motivos, mas não o maior deles. Sem contar que não é de hoje que, por motivos conhecidos, torço contra. Muitos são os que pensam e agem de maneira idêntica, mas poucos são os que têm coragem suficiente para assumir tal postura.

Estreei na Copa do Mundo pelas mãos da minha finada avó materna. Foi ela, em 1966, a responsável por me apresentar ao então inocente universo do futebol mundial. Aquela mulher calma e elegante, de olhos de cor mutante, acompanhou ao meu lado, pelo rádio, a Copa da Inglaterra. Por questões cronológicas ela se foi, mas até hoje carrego seus ensinamentos futebolísticos. Nem tudo o que parecer ser verdade de fato é.

Na sequência tive o privilégio de torcer pela seleção de 70. Deixando de lado os interesses políticos dos truculentos mandatários de então, a equipe sob a batuta do bom e “velho” Mário Jorge Lobo Zagallo foi a melhor que vi em ação até hoje. Anos mais tarde passei a enxergar o futebol através da lógica. Tarefa difícil, porém necessária. No início da década de 80, antes da Copa da Espanha, tive o primeiro contato com algo que parecia inimaginável. Na Itália descobri como era possível fazer do futebol um negócio e de um clube uma empresa. Naquela ocasião, em Milão, conversei sobre o tema com Juary, ex-jogador do Santos FC, que na bela e charmosa cidade italiana envergava a camisa da Internazionale.

A partir de então foi difícil, para não dizer impossível, me emocionar com o futebol. Vez por outra vou ao estádio, mas de lá não saio rouco ou irado. Apenas contemplo o espetáculo, que nas coxias não passa de uma dourada e gulosa caixa registradora. O futebol é negócio dos bons. O que explica o sumiço quadrienal do patriotismo. Tudo no mundo do futebol só acontece por motivos e interesses financeiros. Nada se faz sem antes ter um acordo milionário. Chuteiras, bolas, uniformes, bonés, entrevistas, ingressos, placas, outdoors, enfim, qualquer penduricalho futebolístico carrega um cifrão camuflado.

Quando assumiu o comando da seleção brasileira em 2006, Dunga adotou um estilo “militaresco” no afã de reverter a crise advinda da má atuação na Alemanha. Como todo baderneiro carece de alguém mal encarado colocando ordem na casa, o novo técnico do onze tupiniquim caiu nas graças do povo. É

fato que muitas vezes lhe arremessaram adjetivos nada louváveis, mas isso faz parte da emoção descontrolada de um povo que tem carência de heróis. Ademais, se por um lado a sua diplomacia justifica os apupos de que foi alvo até então, por outro sua competência como treinador jamais ultrapassou a estatura sugerida pela alcunha que carrega.

O nanismo de competência que acomete Dunga ganhou espaço na mídia. Dependendo do interesse dos veículos de comunicação e dos patrocinadores, o treinador foi poupado ou atirado no Coliseu das opiniões contrárias. Lembre-se, o futebol é negócio, que por sua vez carrega a selvageria do capitalismo. Certamente surgirá alguém dizendo que esse pensamento é um esquerdismo poético, mas a realidade aí está para ser conferida e analisada. Contra gols não há argumentos.

Para o azar de Dunga, o Brasil é um país de 200 milhões de treinadores. E cada um tem a melhor escalação. Como o ser humano não foi criado a partir da humildade, a seleção do vizinho sempre será melhor que a sua ou a minha. Enquanto uma nação de dimensões continentais se entrega a discussões sobre o esporte bretão, a seleção proporciona a cada um dos que vivem em sua órbita lucros nababescos. Lembre-se, o futebol é negócio. E como em qualquer negócio, alguns poucos lucram muito enquanto muitos sequer percebem que perdem sempre.

No balanço dos interesses que rodeiam o futebol, qualquer movimento representa um tilintar. Uma convocação considerada burra tem uma explicação plausível. Dinheiro. Se não por trás, certamente mais adiante. Uma convocação de difícil compreensão representa polpudas quantias circulando nos subterrâneos da bola. Nenhum dos jogadores brasileiros foi à África do Sul por patriotismo, apesar dos emocionados e nada convincentes discursos ufanistas. O mesmo aconteceu com jogadores de outras seleções. Dunga proibiu o entra e sai de empresários e rufiões da bola na concentração brasileira, mas isso pouco adiantou. A tecnologia da comunicação suplantou a sisudez do técnico e transformou o quartel do futebol nacional em lupanar de negociações esportivas.

A reestreia dessa desenfreada cafetinagem a que me refiro aconteceu com as críticas à Jabulani, a inocente bola da Copa. Muitos foram os atletas que dispararam contra a bola criada pela alemã Adidas. Lembre-se, futebol é negócio. E no mundo dos negócios a ordem é metralhar a concorrência.

Sendo assim, os açoites à bola da vez estavam dentro da normalidade, pois os críticos são patrocinados por empresas concorrentes da criadora da Jabulani. No selecionado brasileiro, o goleiro Julio César e o atacante Luís Fabiano puxaram a fila dos que não pouparam a injustiçada esfera. Até que alguém entrou em cena e explicou que, tirante a importância e o poderio do fabricante, o refrigerante mais vendido do planeta colocou em ação uma campanha promocional que premia o consumidor sortudo com uma Jabulani usada nos jogos da Copa. E foi então que a bola passou a rolar sossegada. Lembre-se, futebol é negócio. E dependo do tamanho do negócio a coerência se apequena sempre genuflexa.

Boa parte dos cronistas esportivos que estocaram Dunga foi obrigada a recuar a cada bufada de um dos patrocinadores da seleção canarinho. Como essas empresas continuarão gastando fortunas em publicidade depois da Copa da África do Sul, a saída foi colocar em pauta as estatísticas da era Dunga

como forma de dar um passa-moleque na opinião pública. Uma enxurrada de números e conjecturas que não serve para coisa alguma foi despejada na cabeça do incauto torcedor. A derradeira informação, aspergida várias vezes na partida contra a Holanda, dava conta que o diplomático treinador da seleção, desde a sua chegada ao comando da equipe, perdeu apenas cinco partidas.

Neste exato ponto entra aquela velha e popular definição sobre o que é estatística. É a ciência, dita exata, que considera morno o sujeito que está com o pé no forno e a cabeça no freezer. O sujeito está morto, mas esse é um detalhe que nada representa para a estatística e seus seguidores. Voltando à Copa e deixando a utopia das estatísticas de lado, Dunga, na condição de técnico da pátria de chuteiras, perdeu apenas seis partidas. Estatisticamente um feito magistral, mas Dunga perdeu a única partida que não poderia perder.

A opinião da mídia e a teimosia do treinador geraram um “bas-fond” verde-amarelo que invadiu a Copa do Mundo e despejou sobre a “Mamma África” o entrevero que ainda contrapõe o nada talentoso professor Carlos Verrri e a sempre abusada Vênus Platinada, que por questões históricas raríssimas vezes foi afrontada. As convocações feitas por Dunga foram alvo de críticas merecidas. Peçonhento quando é cobrado, o treinador ainda não se deu conta que uma seleção que almeja vencer o maior espetáculo esportivo da terra não pode ter no plantel gênios como Felipe Melo e Michel Bastos.

Mas e a estatística? Honestamente, ela nem sabe quem é você. E caso saiba, você não passa de um reles número. Lembre-se, o futebol é negócio e o negócio da estatística são os números, não o torcedor.

Mas e os especialistas em futebol? Bem, enquanto a seleção vencia e dava lucro, eles mesclavam loas com pedradas. Agora, munidos de uma retardada e inoperante bola de cristal, mudaram o discurso. Ousam dizer que a derrota para a Holanda não passou de uma reles partida de futebol, cujo resultado era previsível. Lembre-se, futebol é negócio e eles continuam precisando da sua fidelidade burra e subserviente. Especialmente porque a Copa de 2014 já está batendo à porta.

Mas e o patriotismo ufanista? Bem, esse não é o meu negócio e não deveria ser o seu. Até porque, há quase 52 anos torço todos os dias pelo Brasil. Jamais pela seleção, que não passa de um negócio.

ATENÇÃO: O inteiro teor do site (www.uchohaddad.com.br) e a obra aqui reproduzida estão sob a proteção da Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos reservados - Copyright © 2013 - Ucho Haddad